

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho ¹

Eliane Delfino da Cruz Soares ²

Orientadora: Prof^a. Dra. Márcia Sumire Kurogi Diniz ³

Resumo: A inclusão de pessoas com necessidades especiais em ambientes educacionais, nesse caso, pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desde a educação básica até ao ensino superior, deu origem a grandes e significativas mudanças relacionadas à imersão e permanência dessas pessoas nesses ambientes. A presente pesquisa buscou explicitar os desafios vivenciados por esses acadêmicos em sala de aula, bem como àqueles enfrentados pelos docentes que os ensinam e as mudanças concebidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES) para receberem esse alunado que tem chegado numa demanda cada vez mais crescente e recorrente. Para investigar esses desafios, o estudo foi pautado na análise bibliográfica e temas que abordam a inclusão de alunos autistas, com o intuito de pontuar e averiguar as origens e causas desses desafios, contribuindo para que possivelmente, suceda-se a melhoria no acolhimento desses alunos em comunidades acadêmicas e que tanto o seu ingresso quanto sua permanência, seja agradável e menos conturbada, possibilitando sua formação pessoal e profissional, dentro desse contexto inclusivo.

Palavras-Chave: Autismo, Ensino Superior, Desafios.

Abstract: The inclusion of people with special needs in educational settings, in this case people with Autistic Spectrum Disorder (ASD), from basic education to higher education, has led to major and significant changes related to their immersion and permanence in these settings. The present research sought to explain the challenges experienced by these students in the classroom, as well as those faced by the teachers who teach them and the changes conceived by the Higher Education Institutions (HEIs) to receive this student that has come in an increasingly growing demand. and recurring. To investigate these challenges, the study was based on bibliographical analysis and themes that address the inclusion of autistic students, aiming to point out and ascertain the origins and causes of these challenges, contributing to the possible success of these students. in academic communities and that both their entry and permanence be pleasant and less troubled, enabling their personal and professional training within this inclusive context.

Key Words: Autism, Higher Education, Challenges.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a inclusão, de modo geral, exige que se considere a diversidade de pessoas em uma sociedade. Ao considerar as particularidades de um indivíduo, o processo de inclusão é viabilizado, promovendo acessibilidade

¹ Bacharel em Artes Visuais com Habilitação em Design Gráfico, alynelugon@gmail.com

² Licenciatura em Pedagogia, elianegufi@gmail.com

³ Graduação, Mestrado, Doutorado em Psicologia. PUC/GO; marcia.kurogi@gmail.com

Anais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu UniEVANGÉLICA

v.04 n.02, ago-dez 2020.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

recreativa, religiosa e educacional à todos.

Ao possibilitar a integração de pessoas com necessidades especiais, sobretudo os indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), foco deste estudo, nos mais diversos segmentos e esferas sociais, considerando suas especificidades, espera-se que seja efetivado o que está assegurado à eles em forma de Lei.

Assim a discrepância entre a teoria e a prática pode promover a apropriação desses direitos, sendo um assunto que têm gerado debates e discussões sobre a temática, fazendo-se necessário o aprofundamento e levantamento das situações desafiadoras com relação à inclusão, no caso desta pesquisa, a inserção destes sujeitos no Ensino Superior.

Discutir sobre inclusão é sempre contestador e quando se trata de alunos com TEA a temática chega a ser intrigante considerando as necessidades desse alunado, que tem chegado ao Ensino Superior numa demanda cada vez mais recorrente, mesmo considerando os desafios que permeiam essa acessibilidade.

A imersão desses alunos têm causado mudanças por parte das Instituições de Ensino Superior - IES, em suas instalações, funcionalismo interno e capacitação de professores para receber esse alunado com a pretensão de promover a permanência desses acadêmicos.

Sendo assim, a presente pesquisa tem como questão problema: Quais são os desafios encontrados pelos docentes que ensinam alunos com TEA e quais dificuldades enfrentadas pelos discentes autistas no processo de inclusão?

Investigar esses desafios poderá proporcionar ao professor subsídios para a mediação e intervenção apropriada, considerando as particularidades de cada aluno, permitindo assim, possíveis melhorias no processo de ensinagem.

Já para as instituições de Ensino Superior, conhecer esses desafios e essas dificuldades propiciará a criação de ambientes apropriados, ferramentas e instrumentos que viabilizam a formação desses acadêmicos.

Compreender melhor essa temática, possivelmente favorecerá a formação pessoal e profissional dos indivíduos envolvidos nesse processo, considerando as aspirações e expectativas que trazem consigo.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

Para ser apresentado os resultados dessa pesquisa, propôs-se como objetivo geral explicitar os desafios vivenciados por alunos com TEA e professores que ensinam esse alunado, durante a formação acadêmica e como objetivos específicos compreender o conceito, a origem e as normativas do TEA, compreender a realidade dos professores que trabalham com esse alunado e identificar os desafios vivenciados por alunos com TEA no processo de ensino e aprendizagem na IES.

A presente pesquisa foi de cunho bibliográfico, com a pretensão de investigar e avaliar o tema abordado, aspirando-se comprovar a ciência dos fatos debruçando-se na leitura de textos que tratam a Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior.

De acordo com Severino (2007, p.123):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses etc. [...] O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes nos textos.

A pesquisa trará uma abordagem qualitativa para amparar a análise e investigação das bibliografias utilizadas como embasamento teórico.

Segundo Lakatos e Marconi (2006, p.269):

Metodologia qualitativa com a preocupação de analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornecendo análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes tendências do comportamento.

Propõe-se no entanto, a veracidade das análises e comparações dos textos avaliados, com a pretensão de obter informações que fomentem com originalidade as questões propostas nessa pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ORIGEM, CONCEITO E NORMATIVAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO

Anais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu UniEVANGÉLICA
v.04 n.02, ago-dez 2020.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

AUTISTA

Autismo é um termo de origem grega, disposto para caracterizar comportamentos humanos arremetidos ao próprio indivíduo, ou seja, “próprio” ou de “si mesmo” (FERRARI, 2007). Por isso é considerado como singular, ímpar, os casos entre os indivíduos.

O conceito de autismo como um espectro de condições, segundo Kazu (2019), se desenvolve em meados de 1981, quando Lorna Wing, psiquiatra inglesa e uma das maiores e mais importantes figuras do mundo autista, evidenciou o termo síndrome de Asperger, baseando-se nas considerações de Hans Asperger, pesquisador e psiquiatra austríaco.

Asperger publicou em 1944 o artigo “A psicopatia autista na infância” e fez considerações relacionadas ao comportamento desses sujeitos, principalmente entre garotos: carência de empatia, reduzida capacidade em fazer amizades, conversação unilateral, alto foco em um assunto de interesse especial e movimentos desordenados (KAZU, 2019).

Nesse mesmo sentido, Varella (2014) corrobora que o Transtorno do Espectro Autista (TEA), acolhe diferentes conjunturas assinaladas por um agrupamento de características como, a dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem, padrão de comportamento restritivo e repetitivo, dificuldade de socialização e no uso da imaginação para trabalhar com jogos simbólicos e tais características podem se manifestar isoladamente ou em conjunto.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido tema de inúmeras pesquisas e discussões frente ao crescente número de pessoas com o laudo e a diversidade entre os casos.

Segundo Varella (2014, s.n):

[...] o autismo era considerado uma condição rara, que atingia uma em cada 2 mil crianças. Hoje, as pesquisas mostram que uma em cada cem crianças (algumas pesquisas indicam que o transtorno é ainda mais frequente) pode ser diagnosticada com algum grau do espectro, que afeta mais os meninos do que as meninas. [...] A tendência atual é admitir a existência de múltiplas causas para o autismo, entre eles, fatores genéticos, biológicos e ambientais. No entanto, saber como é o cérebro dessas pessoas ainda é um mistério para ciência.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

Portanto percebe-se que há uma concordância entre os autores quando ressaltam a dificuldade que os indivíduos com TEA possuem no que se refere à socialização e comunicação, devendo-se considerar que o espectro envolve situações que podem variar e que são mais recorrentes em meninos do que em meninas.

Segundo Varella (2014, s.n), o quadro clínico do TEA pode ser classificado da seguinte maneira:

Autismo clássico – grau de comprometimento pode variar. De maneira geral, os indivíduos são voltados para si mesmos, não estabelecem contato visual com as pessoas nem com o ambiente; conseguem falar, mas não usam a fala como ferramenta de comunicação. Nas formas mais graves, demonstram ausência completa de qualquer contato interpessoal. São crianças isoladas, que não aprendem a falar, não olham para as outras pessoas nos olhos, não retribuem sorrisos, repetem movimentos estereotipados, sem muito significado ou ficam girando ao redor de si mesmas e apresentam deficiência mental importante. [...] Autismo de alto desempenho (também chamado de síndrome de Asperger) – os portadores apresentam as mesmas dificuldades dos outros autistas, mas numa medida bem reduzida. São verbais e inteligentes. Tão inteligentes que chegam a ser confundidos com gênios, porque são imbatíveis nas áreas do conhecimento em que se especializam. [...] Distúrbio global do desenvolvimento sem outra especificação (DGD-SOE) – os indivíduos são considerados dentro do espectro do autismo (dificuldade de comunicação e de interação social), mas os sintomas não são suficientes para incluí-los em nenhuma das categorias específicas do transtorno, o que torna o diagnóstico muito mais difícil.

Para o autor, esses sujeitos estão inseridos em nossa sociedade carregados de historicidade e particularidades pertinentes à singularidade do ser, o que deve ser considerado para então encontrar maneiras assertivas de contribuir para a inclusão desses indivíduos fazendo com que se coloque em prática os direitos assegurados à eles em forma de lei.

Como corrobora Kazu (2019), os direitos dessas pessoas com relação ao ensino, vem sendo assegurados e amparados por leis como, a Constituição Federal de 1988 (BRASIL,1988), a Declaração Mundial Sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990), a Declaração de Salamanca (ESPANHA, 1994), a Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, incorporada a Constituição como Decreto Legislativo nº 186/2008 (BRASIL, 2008), a Lei nº 12.764 de 2012, Lei Proteção aos Autistas, entre outras, todas com a intenção de integrar

Anais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu UniEVANGÉLICA

v.04 n.02, ago-dez 2020.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

esses indivíduos socialmente assegurando-lhes seus direitos como pessoa.

O autor ainda explicita que a Lei nº 12.764 de 2012, Lei Proteção aos Autistas, tem como objetivo assegurar os direitos das pessoas com TEA, visando sua inclusão nas mais diferentes esferas sociais, pois uma pessoa com autismo não está impossibilitada para a capacidade civil, porém limitada em suas diferenças.

Art. 1º § 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II: I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento; II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (KAZU, 2019).

Para tanto, não se fala em cura para o TEA, nem mesmo existe um padrão de tratamento para todos os casos, considerando as diferenças entre os portadores e a necessidade de um acompanhamento específico e individualizado que necessariamente requer a cooperação dos pais e familiares e para que ocorra a reabilitação dessas pessoas torna-se imprescindível o acompanhamento de uma equipe profissional multidisciplinar (VARELLA, 2014).

De acordo com o autor, os pais e os profissionais de saúde nem sempre identificam o transtorno do espectro autista, podendo aparecer já nos primeiros meses de vida e que o transtorno acomete todas as classes e etnias.

Nesse sentido, Rocha et al (2018) assevera que é importante que o diagnóstico se dê ainda em fase infantil, pois quanto mais precoce se der a diagnose, quanto antes se dará início ao tratamento o que por conseguinte possibilitará qualidade de vida ao autista e até mesmo a possibilidade de ingresso e conclusão de um curso de nível superior com sucesso.

Por isso, a conscientização por parte das famílias dos indivíduos portadores do TEA, torna-se indeclinável. O acompanhamento por profissionais especializados e o tratamento prescrito é essencial para a integração dessas pessoas à vida em comunidade, podendo assim desfrutar de todos os direitos

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

assegurados à eles enquanto pessoa.

2.2 ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA

Como fruto das muitas leis criadas para garantir o acesso do aluno com necessidade especiais no ensino superior, houve um crescimento importante no número de pessoas com espectro autista ingressando na educação superior nos últimos anos.

Pode-se notar esse crescimento a partir da comparação dos dados do Censo de Educação Superior de 2011, ano em que foi inserido as categorias de necessidades especiais no censo e os do último Censo de 2018.

Segundo o Censo de Educação Superior de 2011 haviam matriculados em todo o Brasil 2.346.695 alunos e apenas 68 alunos eram diagnosticados com TEA. No ano de 2018 foram matriculados 8.450.755 alunos sendo que 1122 alunos diagnosticados com TEA (INEP, 2011, 2018).

Como afirmam Silva, et al (2019), esse crescente número de alunos matriculados com TEA mostra o começo de um processo de inclusão. Processo esse que segundo Rando, Huber e Oswald (2016, apud SILVA et al, 2019, p.4), tende a crescer mais nos próximos anos, pelo aumento dos diagnósticos de crianças com TEA, a conscientização, e as alterações e melhora na capacidade de reconhecimento e diagnóstico das pessoas com alto funcionamento.

Ferrari, Sekkel (2007) e Rocha, Miranda (2009) defendem em suas pesquisas que com todas as leis assegurando os direitos e a inclusão desses indivíduos nos ambientes educacionais em todos os níveis, as Instituições de Ensino Superior (IES) estão aos poucos começando a pensar em como receber da melhor maneira esses alunos. O sistema educacional brasileiro tem sido transformado baseado na ideia da educação inclusiva.

Por meio da circular n. 277 MEC/GM, o Ministério da Educação orienta as IES repensarem o processo de ingresso às instituições, e ressalta que devem desenvolver ações que visem atender uma permanência de qualidade a esses

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

alunos (ROCHA, MIRANDA, 2019).

Quando se pensa em inclusão e medidas que devam ser adotadas para que ela aconteça nos ambientes acadêmicos a primeira atitude a ser tomada/pensada pelas IES é a adaptação do espaço físico. Poker, Valentim, Garla (2018) afirmam que o condicionamento dos espaços físicos e de infra estrutura, não asseguram por si só, o acesso e permanência de alunos com deficiência no ensino superior, afirmando que, além disso é imprescindível para a promoção de um ensino significativo e qualitativo, que sejam disponibilizados pelas IES:

[...] recursos pedagógicos (livros, equipamentos, instrumentos etc.), informações para a comunidade técnico-administrativa, instruções e/ou capacitação aos professores e apoio institucional. Portanto, há que se proporcionar uma mudança no modus operandi de uma instituição no seu fazer tradicional tanto no ensino, na pesquisa e na extensão quanto na infraestrutura oferecida a toda a comunidade docente, discente e administrativa (POKER et al, 2018, p.129).

Para o ensino inclusivo acontecer é preciso: “investimentos em materiais pedagógicos, em qualificação de professores, em infra-estrutura adequada para ingresso, acesso e permanência e estar atento a qualquer forma discriminatória” (MOREIRA, 2005, apud ROCHA, MIRANDA, 2009, p.200).

Sendo assim, a comunidade acadêmica tem um importante papel na inclusão desses alunos assim como afirmam Ferrari e Sekkel (2007), professores, alunos, coordenadores e diretores precisam identificar e legitimar as diferenças em sala e se envolverem na construção de melhores condições de ensino e aprendizagem.

Para que isso aconteça Moreira, Bolsanello e Seger (2011 apud POKER et al, 2018) afirmam que as IES precisam de mudanças complexas para que haja uma desconstrução dos preconceitos.

Em sua pesquisa Olivati (2017) mostra, por meio de relatos dos entrevistados, como a falta de capacitação de alguns professores atrasaram o desenvolvimento de alguns alunos com TEA. É relatado em sua pesquisa uma situação em que o docente tratou o aluno de forma preconceituosa ou expondo-o diante da turma, dificultando ainda mais o processo de aprendizagem e inclusão do aluno. Essa experiência nos mostra o quão importante é o investimento das IES na

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

formação continuada dos professores e funcionários, para que possam entender melhor as dificuldades dos alunos e dessa maneira quebrarem com o preconceito e com a discriminação dos alunos com TEA, refletindo sobre suas práticas.

Algumas IES possuem Núcleos de Acessibilidade e Apoio (NAA) a alunos com necessidades especiais. Esses núcleos em sua maioria contam com uma equipe de multiprofissionais, geralmente composta por pedagogos, psicólogos, fonoaudiólogos entre outros profissionais. Ciantelli e Leite (2016, apud OLIVATI 2017) destaca a importância do trabalho desses profissionais especializados juntamente com os professores, orientando-os e dando suporte educacional ao estudante.

Costa e Marin (2017) afirmam que um dos pilares da educação inclusiva é o atendimento educacional especializado. Olivati (2017) relata a partir de suas entrevistas o quão importante é o acompanhamento dos alunos com TEA por profissionais especializados. Os alunos que foram acompanhados de alguma maneira, tiveram menos dificuldade para permanecer no curso, e souberam lidar melhor com as situações no ambiente acadêmico. Os que não tiveram esse acompanhamento tiveram mais dificuldade em acompanhar o fluxo do curso.

Percebe-se assim que o compromisso das IES na inclusão do aluno com TEA é um dos apoios importantes para que o aluno possa permanecer no ensino superior. Assim como afirma Poker, Valentim e Garla (2018) para que as IES sejam efetivas no auxílio ensino aprendizagem do aluno com TEA é preciso que haja uma mudança “no seu fazer tradicional tanto no ensino, na pesquisa e na extensão quanto na infraestrutura oferecida a toda a comunidade docente, discente e administrativa.” (POKER, VALENTIM E GARLA, 2018, p.129)

No que diz respeito a alunos com TEA o espaço físico se torna ainda menos desafiador para a inclusão no ensino, visto que muitos não tem condições limitadoras físicas. Em sua pesquisa Olivati (2017) em entrevistas com alunos com TEA mostra que uma das principais barreiras enfrentadas pelos alunos ao chegarem em suas universidades foi o acesso à informação. Para Pereira, Lima e Oliveira (2016, apud OLIVATI, 2017) são três os tipos de informações que podem ser encontradas:

as que são disponíveis à comunidade acadêmica, por meio dos livros e Anais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu UniEVANGÉLICA v.04 n.02, ago-dez 2020.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

artigos científicos – encontradas nas bibliotecas; o conteúdo informacional passado em sala de aula pelos professores, através de debates com os colegas; e, por fim, a informação veiculada pela Universidade sobre seus setores, serviços, direitos e deveres dentro da unidade. (PEREIRA, LIMA e OLIVEIRA, 2016 apud OLIVATI, 2017, p.83)

Os alunos entrevistados por Olivati (2017) relataram que por algumas vezes desistiram de ir a aula por não terem encontrado informações do tipo em que sala estaria acontecendo sua aula, ou, quando tinham essa informação, não encontraram a sala de aula.

Outro apontamento feito por alunos com TEA apresentado por Olivati (2017, p.84) foi “a falta de profissionais capacitados para a identificação de suas demandas específicas e para a solução de eventuais problemas relacionados a isso”. Para esses alunos um profissional capacitado, tanto o docente como o técnico administrativo, seriam um importante apoio para sua inclusão na comunidade acadêmica.

A atuação das Instituições de Ensino Superior, nesse processo de inclusão de alunos com TEA está caminhando gradativamente, ainda há muito a ser feito para que o ensino inclusivo seja efetivo e que esses alunos recebam o atendimento necessário para a permanência e conclusão da graduação.

2.3 DESAFIOS VIVENCIADOS POR PROFESSORES QUE ENSINAM ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

De acordo com Ferrari e Sekkel (2007) as práxis docentes devem ser pensadas e repensadas e através de um planejamento que considere as necessidades de cada aluno com TEA e em harmonia com toda a comunidade acadêmica se estabeleça de fato a implementação de meios e recursos que busquem erradicar as dificuldades de permanência e sucesso acadêmico desse alunado.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

Segundo Rocha et al (2018) é direito de um aluno com TEA receber Atendimento Educacional Especializado (AEE), mesmo assim, os profissionais de apoio e do AEE, não isentam o professor regente de suas responsabilidades, afirmando que:

É inescusável que o professor regente compreenda que ele não é menos responsável pelo aluno autista, pelo contrário. A perspectiva inclusiva que propõe a transformação de um modelo regado na homogeneidade para um pautado na diversidade entrevê estratégias pedagógicas diversificadas baseadas nas características e necessidades individuais. Os profissionais de apoio e do AEE podem e devem contribuir sugerindo atividades e recursos, mas devem considerar que tais atividades precisam estar contextualizadas no planejamento. (ROCHA et al, 2018, p.145)

Para Rocha et al (2018) é crucial que o professor compreenda como se processa a aprendizagem do aluno com TEA e que é necessário que esse aluno se aproprie de todo o conhecimento proposto em sala de aula, sendo assim o professor é pilar imprescindível para a efetivação do processo de ensinagem, embora ele não seja o único responsável por viabilizar a inclusão de alunos autistas nas salas de aula das universidades.

Poker et al (2018), em pesquisa com professores de uma universidade no interior de São Paulo, explicita que a maioria dos entrevistados demonstraram atitudes pró-ativas e responsáveis em relação aos alunos com deficiência e que na medida do possível, garantiam o acesso aos conteúdos. Os professores ainda relataram que o conhecimento das necessidades dos alunos se deu por meio do diálogo entre professor e aluno e que nem sempre, apenas o diálogo é suficiente, trazendo desconforto e um sentimento de frustração aos professores por não alcançarem os objetivos pretendidos.

Sendo assim, a maioria dos docentes citados acima, se mostraram sensíveis ao tema e que se empenham dentro de suas condições para promover a inclusão desses alunos buscando a igualdade e equidade que é um princípio fundamental da educação inclusiva. Alguns professores afirmaram que a principal barreira enfrentada por eles ainda é a falta de preparo e conhecimento sobre o assunto, recursos e/ou tecnologias.

Considerar que alunos com TEA são indivíduos que por sua singularidade

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

não se ajustarão aos moldes tradicionais utilizados pelos professores das IES, demanda capacitação e formação continuada desses profissionais, que por vezes, se encontram despreparados para lidar com esse alunado (FERRARI, SEKEL, 2007).

Nesse sentido Rocha et al (2018) asseveram que a formação inicial dos professores não tem amparado substancialmente aos educadores para lidar com o autismo e com a diversidade do contexto educacional inclusivo.

Assim Bereohff (1993, p.23) afirma que:

Ainda não existe no Brasil um curso de formação específica para professores de autistas. A preparação desses professores tem sido feita através de alguns cursos de especialização em Educação Especial e/ou estágios supervisionados nas instituições que oferecem esse atendimento. É fundamental que esses professores tenham conhecimento de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e que sejam orientados para uma atuação adequada nos graves distúrbios de comportamento que apresentam esses jovens. Faz-se necessária a criação pelas universidades de cursos de pós-graduação, para garantir uma formação de profissionais alicerçada coerentemente entre a experiência prática e a busca de dados científicos metodologicamente.

Para Rocha et al (2018) é indeclinável a formação inicial e contínua dos docentes, o que faz do professor um profissional que está em constante construção e atualização dos saberes. Os cursos de formação devem ofertar subvenções teóricas e práticas garantindo e possibilitando a formação de sujeitos críticos-reflexivos habilitados para atuar estrategicamente em instituições inclusivas.

Mesmo assim, os autores defendem que o discurso de que os profissionais da educação não estão preparados para receberem esse alunado, não colabora para que o aperfeiçoamento da educação e da estruturação do contexto de ensino ocorra. No entanto, observando ser seu dever forjar possibilidades de ampliação do conhecimento para todos, o docente deve adaptar sua metodologia às necessidades dos alunos, considerando suas singularidades.

Assim também concordam Ferrari e Sekkel (2007) quando defendem que os alunos com necessidades especiais, ainda subsistem em ambientes de ensino segregado mesmo com a legislação se adequando aos princípios da educação inclusiva.

Portanto percebe-se que o desafio dos professores e seu papel enquanto

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

docentes que ensinam alunos com TEA, são vastos e o mais desafiador de todos eles, segundo os autores é a capacitação docente para atender as necessidades desse alunado.

Segundo Melo e Araújo (2018, p.61)

Estar diante de um estudante que demanda recursos e técnicas diferenciadas de ensino suscita o redirecionamento do olhar para a formação e atuação dos docentes universitários, no tocante ao pensar e agir do professor no ato de planejar, ensinar, aprender e avaliar.

Para tanto, Rocha et al (2018) defendem que na inclusão de alunos autistas ao ensino superior o docente tem imensuráveis atribuições e que o processo educativo somente será remodelado se o educador aguçar a transformação em sua vida profissional e pessoal, viabilizando assim a educação ao aluno com TEA.

Contudo, atuar como docente desse alunado, demanda constante atualização dos saberes e aquisição de novas práticas por parte dos professores, em um processo de formação continuada interminável, para que assim, possivelmente se perfaça a inclusão do aluno com TEA e seu sucesso acadêmico se consubstancie.

2.4 DESAFIOS VIVENCIADOS POR ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Para Silva et al (2019) o vestibular é a primeira barreira para o acesso ao ensino superior. Concordando com essa afirmação Orrú (2019) diz que os processos seletivos de acesso às IES contradizem as leis já existentes que asseguram uma educação de todos e para e todos, visto que esses processos tendem a ser homogêneos, classificatórios, padronizados e excludentes.

Sendo assim esses exames privilegiam alguns candidatos e dificultam o acesso ao ensino superior a alunos com TEA.

Os poucos alunos que conseguem vencer a barreira do vestibular, ao ingressarem nas IES ainda se deparam com muitos outros desafios. Quanto a isso

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

Silva et al. (2019, p.18) afirma:

Sobre as barreiras enfrentadas por estudantes com TEA no ensino superior, alguns autores sugerem estratégias voltadas à acessibilidade – a adequação do espaço para atividades avaliativas, de acordo com as necessidades do estudante com TEA; a redução de situações de imprevistos e insegurança; o uso de materiais pedagógicos adequados a seu estilo e ritmo de aprendizagem; o ensino estruturado e com rotina explícita; as adequações na linguagem, na organização e na disponibilização das atividades pedagógicas; a oferta de tutoria ou bolsista de apoio; a promoção de atividades visando ao desenvolvimento de habilidades sociais para resolução de problema; o apoio aos familiares e amigos para o envolvimento nas atividades acadêmicas dos estudantes; o acompanhamento e formação aos professores e dos funcionários das IES –, ou seja, um conjunto de ações que visam à eliminação de preconceitos e estereótipos.

Silva et al. (2019) ainda menciona que os mesmos autores reiteram que a mudança abrupta do ensino médio para o ensino superior trazem exigências tais que podem implicar aos alunos com TEA, tanto problemas emocionais quanto psicossociais que acabam comprometendo com o desempenho acadêmico.

Rando, Huber e Oswald (2016, apud SILVA et al, 2019) afirmam que além de tudo isso ainda existem colegas que não sabem o que é o TEA, e assim não respondem positivamente ao comportamento dos alunos com TEA, o que pode gerar instabilidade ao mesmo.

Olivati (2017) em sua pesquisa aponta que os alunos com TEA tem dificuldade em divulgar o seu diagnóstico a professores e colegas da universidade, muitas vezes por se sentirem inseguros quanto a reação dos mesmos.

Olivati (2017) traz também, relatos onde o aluno com TEA após mostrar o diagnóstico ao professor foi humilhado em sala de aula pelo mesmo ao chamá-lo por um nome pejorativo, e em outra situação o professor apenas ignorou o exame, e não deu nenhuma assistência ao aluno. Por conta de atitudes como essas citadas, muitos alunos com TEA preferem esconder o diagnóstico e não solicitarem os auxílios necessários, enfrentando assim as dificuldades da aprendizagem sozinhos, sem o apoio da instituição de colegas de turma ou professores, tornando assim o processo de ensino aprendizagem e inclusão ainda mais difícil.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

Weiss (2004, apud COSTA e MARIN, 2017, p.10) afirma que "[...] aprendizagem é um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca [...]".

Para essa interação realmente ajudar no processo de aprendizagem é preciso que toda a comunidade acadêmica saiba o que é um aluno com TEA, e saiba respeitá-lo e entender seus limites. Entretanto, a operacionalização dessa mudança de comportamento da comunidade acadêmica é lenta e gradativa, fazendo-se necessário o despertar por conhecer mais sobre o assunto, com a pretensão de desconstruir pré-conceitos e qualquer tipo de discriminação e segregação e de implementar os direitos que esses indivíduos possuem, garantindo com eficácia seu sucesso acadêmico e formação profissional. (POKER et al, 2018).

Outro desafio apontado por Olivati (2017) é a dificuldade ao acesso à informação. Os alunos possuem dificuldade de se ter o conteúdo das aulas passadas pelos professores, de se obter informações dos colegas de curso, pela dificuldade em socializar, e por fim a dificuldade em se localizar nas instalações das IES, por falta de informação acessível.

Compreende-se que o professor enquanto mediador, que possibilita a socialização dos alunos autistas, considerando que é no processo de socialização que se dá a aprendizagem, retirando-os dos conhecidos alunos marginalmente incluídos, exigindo do professor um olhar sensível para promoverem a inclusão desses alunos com o meio.

Os métodos de ensino e os de avaliação são mais um dos desafios enfrentados por alunos com TEA. Os alunos com TEA de acordo com Olivati (2017), apontaram que possuem dificuldade em manter a concentração em aulas do tipo expositivas, em avaliações pontuais e que são aplicadas sem contar com suas especificidades. Ainda reclamaram da ausência de materiais complementares aos estudos, e a dificuldade em fazer trabalhos em grupo.

Sobre esse assunto Ferrari e Sekkel (2007) afirmam o que diz a pesquisa de Olivati (2017) ao dizerem que:

[...] são os objetivos do ensino superior, bem como seus modos de

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

avaliação e currículo, que necessitam de uma reformulação frente a esse novo desafio. Assim como nos demais níveis de ensino, trata-se de assumir o debate proposto a partir da inclusão, para repensar modelos e objetivos educacionais também no ensino superior e encarar as questões da flexibilização do currículo, da necessidade ou não do especialista, da aplicação das provas especiais como forma alternativa de avaliação, enfim, as questões que se impõem já há mais de uma década na educação brasileira. (FERRARI E SEKKEL, 2007, p.643)

Por serem tão heterogêneos na maneira de como assimilar os conteúdos é preciso que esses métodos de avaliação e de ensino seja pensado conjuntamente pelo professor, instituição, profissionais de apoio e o aluno para que o ensino inclusivo seja efetivado (FERRARI E SEKKEL, 2007).

Apesar de toda a dificuldade em assimilar os conteúdos e permanecer na graduação o número de alunos com TEA que trancam ou desistem do curso é proporcionalmente menor que dos estudantes neurotípicos (SILVA ET AL, 2019).

Os desafios enfrentados por alunos com TEA como visto são muitos, mas ao receberem o apoio necessário conseguem superar essas barreiras e alcançam o tão sonhado diploma de ensino superior.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou verificar que os diversos conceitos e discursos tratando a inclusão, assim como as políticas públicas e normativas que asseguram os direitos dessas pessoas, tem refletido progressivamente no modo em que os espaços acadêmicos percebem os alunos com necessidades especiais, no caso os alunos com TEA. Essa quebra de paradigma tem abarcado cada vez mais o ingresso e procura por esses alunos por cursar o ensino superior. Ainda há muito o que se fazer para que o sucesso acadêmico desses alunos se consubstancie.

Considerando os resultados dessa pesquisa, percebe-se que os principais desafios vivenciados pelos discentes com TEA, ainda é a forma discriminatória e excludente de alguns membros da comunidade acadêmica, bem como a falta de pessoal qualificado para atender as necessidades desse alunado e também a

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

inexistência de suportes pedagógicos que auxiliam o processo de ensino aprendizagem.

Já para os docentes, os maiores desafios estão relacionados à insuficiência de conhecimentos para lidar com alunos com TEA, considerando a diversidade entre os casos e por não terem recebido em sua formação acadêmica a preparação e capacitação para atender às necessidades específicas desses alunos.

Percebe-se que as IES, em sua representatividade tem transformado seus espaços e inquirido melhorias estruturais e de conscientização por parte de toda comunidade acadêmica, mas isso por si só, não basta. É imprescindível que haja contratação de pessoal técnico-administrativo qualificado para atender as necessidades pertinentes à cada aluno, através do diálogo e da informação.

A aquisição de recursos pedagógicos faz-se necessário para que as dificuldades dos alunos sejam supridas e facilite o processo de ensinagem. Também é oportuno dizer que há necessidade, por parte das IES, de ofertar cursos de formação e qualificação aos seus docentes para preencher com excelência o quadro de profissionais disponíveis na instituição deveras capacitados para ensinar alunos com TEA.

Enquanto isso, aos professores é necessário reavaliar suas concepções enquanto profissionais que lidam com a diversidade e aprimorar suas práxis docentes visando erigir um ensino de qualidade que atenda às necessidades dos alunos autistas, promovendo a inclusão e formação desse alunado pautando suas estratégias de ensino no olhar individualizado e centrando seus objetivos às peculiaridades e dificuldades de cada aluno. É conveniente ressaltar também que cabe aos docentes investir em sua formação continuada, salvando-se de práticas engessadas que tolhem o alçar evolutivo rumo ao conhecimento.

Sendo assim, ao aluno com TEA, sobeja agarrar-se aos seus direitos e reagir. Desafios ainda permeiam os espaços acadêmicos. Vale-se, nesses momentos a consciência de que não há como protelar a inclusão dessas pessoas e que é imperioso o desconstruir de um ensino e concepções preconceituosas.

Portanto, para que a inclusão, permanência e sucesso acadêmico de alunos com TEA se perfaça, profusas modificações são necessárias, por parte das

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

IES, dos docentes e de toda comunidade acadêmica, erradicando o despreço, as indiferenças e todo e qualquer tipo de preconceito alusivo às pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

REFERÊNCIAS

BEREOHFF, Ana Maria. Autismo: uma história de conquistas. **Em Aberto**, Brasília, ano 13, n.60, out./dez. 1993, p.11-24. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/885/792>>. Acessado em: 13. abr. 2019.

COSTA, Angélica; MARIN, Angela Helena. Processo de Inclusão do Adulto com Síndrome de Asperger no Ensino Superior. **Revista Barbarói**, Santa Cruz do Sul. n.49, 2017. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/6355>>. Acesso em: 12. nov. 2019.

FERRARI, M.A.L.D.; SEKKEL, M.C. Educação Inclusiva no Ensino Superior. Um Novo Desafio. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, São Paulo. 2007, 27(4), p. 636-647. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 9. set. 2019.

FERRARI, Marian L. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio. **Psicologia Ciência E Profissão**, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a06.pdf>. Acesso em: 10. nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2011**. Brasília: Inep, 2012. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 10.11.2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: Inep, 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 10.11.2019.

KAZU, Viktor. **Direito dos autistas na inclusão do ensino superior**. 2019. Disponível em: <<https://viktorkazu.jusbrasil.com.br/artigos/702075709/direito-dos-autistas-na-inclusao-do-ensino-superior>>. Acesso em: 5. ago. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho Científico: Procedimentos Básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalho científico**. Atlas, 2001-a- 5ª edição. São Paulo.

MELO, F.R.L.V.; ARAÚJO, E.R. Núcleos de Acessibilidade nas Universidades: Anais dos Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu UniEVANGÉLICA v.04 n.02, ago-dez 2020.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO
ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS ENCONTRADOS NESSE PROCESSO
SEGUNDO A LITERATURA

Alyne Lugon Borges Carvalho; Eliane Delfino da Cruz Soares; Márcia Sumire Kurogi Diniz

reflexões a partir de uma experiência institucional. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Número Especial, 2018: 57-66. Disponível em:<<https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2018/046>>. Acesso em 10. set. 2019.

ORRÚ, Sílvia Ester. Alunos com síndrome de asperger: O intérprete de enunciados e o acesso à educação superior. **Revista Educação em Perspectiva**, Minas Gerais. v.9. n.3, 2019, p.668-693. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/7068/287>>. Acesso em 11. nov. 2019.

OLIVATI, Ana Gabriela. **Percepção do suporte social e trajetória acadêmica de estudantes com transtornos do espectro autista em uma universidade pública**. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152670>>. Acesso em 30. out. 2019.

POKER, R.B.; VALENTIM, F.O.D.; GARLA, I.A. Inclusão no ensino superior: a percepção de docentes de uma instituição pública do interior do estado de São Paulo. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. Número Especial, 2018, p.127-134. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v22nspe/2175-3539-pee-22-spe-127.pdf>. Acesso em: 30. ago. 2019.

ROCHA, B.R.; SOUZA, V.L.M.R.; SANTOS, A.P.R.; TEODORO, D.C.; FABIANO, M.A. Universitários autistas: considerações sobre a inclusão de pessoas com T.E.A. nas IES e sobre a figura do docente nesse processo. **Revista Educação em Foco**, ed.9,2018. Disponível em: <http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/09/014_UNIVERSIT%C3%81RIOS_AUTISTAS_CONSIDERA%C3%87%C3%95ES_SOBRE.pdf>. Acesso em: 13. set. 2019.

ROCHA, Telma Brito; MIRANDA, Theresinha Guimarães. Acesso e permanência do aluno com deficiência na instituição de ensino superior. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.22, n.34, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/273>>. Acesso em: 13. nov. 2019.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA,S.C.; SHCNEIDER, D.R.; KASZUBOWISKI, E.; NUERNBERG, A.H. Perfil Acadêmico dos Estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior matriculados em 2016. **Revista Educação Especial**, v.32, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/37699>>. Acesso em 12. nov. 2019.

VARELLA, Drauzio. **O Transtorno do Espectro Autista (TEA)**, 2014. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/tea-transtorno-doespectroautista-ii;>>. Acesso em 14. ago. 2019.